



Suplemento
do Jornal
CONTEXTO
PASTORAL n° 10
Setembro/outubro
de 1992
n° 4

Debate

TERCEIRO CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EVANGELIZAÇÃO

O NOVO ROSTO DO MOVIMENTO EVANGELICAL

POVOS A PARTIR DA AMÉRICA
LATINA - CLADE III
TODO O EVANGELHO PA
RA TODOS OS

MISSÃO INTEGRAL, UNIDADE E JUSTIÇA

Cerca de 1.100 pessoas de diversos países do Continente estiveram reunidas no Terceiro Congresso Latino-Americano de Evangelização — Clade III (Quito, 24 de agosto a 4 de setembro). O principal objetivo da terceira edição do congresso foi reunir lideranças do movimento evangélico para continuarem a reflexão sobre missão integral e unidade visível da Igreja. Confira a reportagem do encontro nas páginas 8 a 10.

DÍALOGO HISTÓRICO

Um dos pontos marcantes do Clade III foi o diálogo entre as cúpulas do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai) e da Confraternidade Evangélica Latino-Americana (Conela), entidades significativas no contexto evangélico do Continente. Página 13

DOCUMENTO FINAL

"Devemos avallar os modelos de missão que herdamos do passado ou os importados no presente e buscar novos modelos". Este trecho faz parte do Documento Final do Clade III, que traz como título "Todo o Evangelho a partir da América Latina para todos os povos". O texto enfatiza também a necessidade de que "a cultura ocupe o lugar que merece em nossa reflexão e prática missiológica". Páginas 15 e 16

CLADE III: INTEGRALMENTE CONTROVERTIDO

O Terceiro Congresso Latino-Americano de Evangelização (Clade III), convocado pela Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL), reuniu 1.008 mulheres e homens evangélicos de 26 países do Continente e representantes observadores da África, Ásia e Europa no Colégio Anderson de Quito, Equador, de 24 de agosto a 4 de setembro de 1992.

Clade III — presidido por Valdir Steuernagel, do Brasil, e coordenado por Guillermo Cook, de Costa Rica — tem suas raízes em dois outros congressos. Clade I aconteceu em Bogotá, Colômbia, em 1969, sob o lema "Ação em Cristo para um continente em crise" (um ano depois da Conferência Episcopal de Medellín, realizada pela Igreja Católica Romana) e Clade II em Huampaní, Peru, em 1979 com o lema "Que a América Latina escute a voz de Deus" (no mesmo ano da Conferência de Puebla da Igreja Católica). Com o lema "Todo o Evangelho para todos os povos a partir da América Latina" reuniu-se o Clade III (às vésperas da Conferência de Santo Domingo). Vale ressaltar que 5% dos presentes eram observadores e, destes, nenhum era católico-romano.

A proposta dos organizadores era a de que Clade III "permitisse uma ampla plataforma de diálogo para analisar em um contexto de

adoração e à luz da Palavra de Deus, o que significa anunciar as Boas-Novas de Jesus Cristo neste momento de expansão das igrejas evangélicas e de profunda crise no Continente" e que pudesse "contribuir para a unidade do povo de Deus" e estimulasse "a visão missionária e" fomentasse "a evangelização integral em todo o continente latino-americano e mais além deste".

Com um programa extremamente carregado — liturgias, estudos bíblicos, seminários, oficinas, grupos pequenos e plenários — em instalações pouco confortáveis e com infra-estrutura inadequada, Clade III, conseguiu envolver intensamente os 1.008 participantes dos quais 30% eram mulheres e 35%, leigos.

O controvertido Clade III reuniu evangélicos de todas as tendências teológicas, confessionais e políticas. Isto já se verificava pela pluralidade dos grupos e organizações que colaboraram na supervisão administrativa, apoio logístico e programático do congresso, entre eles: MAP Internacional, HCJB — Radio Difusora Voz dos Andes, Federação Universal de Movimentos Estudantis Cristãos (Fumec), Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai), Cruzada Estudantil, Sociedade Bíblica Internacional, Sociedades Bíblicas Unidas, Comissão Evangélica Latino-Americana de Educação Cristã (Celadec), Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos, Corpo de Pastores de Quito e a Confraternidade Evangélica Equatoriana.

A tensão nos bastidores foi grande: críticas à liturgia, questões de encaminhamento político, tentativa de controle sobre o documento final, problemas financeiros e conflitos com grupos indígenas. Estes últimos realizaram seu próprio congresso, em Otavalo, de 19 a 23 de agosto.

O saldo é positivo, pois pela primeira vez grupos tão distintos, e até contrários, ficam juntos e dialogam por tanto tempo. O documento final, infelizmente, não faz jus a essa riqueza de contrastes. De todas as formas, aí está: Clade III já é parte da história dos evangélicos na América Latina.

DEBATE
Suplemento do jornal
Contexto Pastoral nº 10
Setembro / outubro de 1992

Publicação do Centro
Evangélico Brasileiro de
Estudos Pastorais —
Cebep (Rua Rosa de
Gusmão, 543 — 13073-120
Campinas / SP
Tel e fax: 0192-41-1459)
e do Centro Ecumênico
de Documentação e
Informação — Cedi
(Rua Santo Amaro, 129
22211-230 — Rio de
Janeiro / RJ —
Tel e fax: 021-224-6713).

Neste número:
Editores
Luiz Carlos Ramos
Paulo Roberto Salles
Garcia (MTb. 18481)
Editor assistente
Carlos Cunha
Assessoria especial
Luiz Longuini Neto
Conselho Editorial
José Bittencourt Filho
Marcos Alves da Silva
Paulo Roberto Rodrigues
Rafael Soares de Oliveira
Programação visual
Anita Slade
Fotolito e Impressão
Tribuna da Imprensa
Tiragem
11 mil exemplares

Assine

CONTEXTO PASTORAL

MOVIMENTO EVANGÉLICO: CONCEITOS E HISTÓRIA

O termo evangélico é de origem inglesa *evangelical* que pode ser traduzido por: evangelista, evangélico, protestante. A confusão começa já no entendimento do termo. Historicamente algumas igrejas protestantes assumiram como parte de sua identidade denominacional o termo "evangélico", como é o caso das igrejas protestantes da Alemanha, onde evangélico é sinônimo de protestante. No Brasil a Igreja Luterana também se autodenomina evangélica.

QUEM É EVANGÉLICO?

O termo evangélico está relacionado com um segmento de cristãos que se identificaram com um projeto comum de evangelização mundial e criaram a Aliança Evangélica Mundial. Cristãos da Europa e dos Estados Unidos, em ambos os casos, desejavam fugir do termo fundamentalista que na época estava adquirindo conotação pejorativa e extremamente ligado ao combate contra o comunismo e o ecumenismo.

Havia uma necessidade de identificar e agrupar os cristãos "nascidos de novo", que não eram apenas cristãos nominais. Optou-se pelo termo evangélico tentando recuperar o melhor de sua tradição, sua relação com os evangelhos e uma forte preocupação com a evangelização mundial. Como movimento podemos dizer que é algo recente, organiza-se a partir da década de 1960, se bem que seus membros apelam para certa tradição histórica que tem ligações com os

grandes movimentos avivalistas do século passado, assim como com o pietismo e com o puritanismo inglês.

Com o crescimento do movimento, a efervescência religiosa dos últimos anos e a avalanche religiosa conservadora norte-americana na América Latina faz-se necessário distinguir o termo evangélico de outros como: fundamentalista, neoconservador, pregadores eletrônicos, carismáticos, progressistas, etc...

Integral" recuperando o conceito já expresso nos documentos de Lausanne.

Outros pensadores evangélicos brasileiros trabalham os termos como sinônimos. O mais influente é Robinson Cavalcanti que não poupa palavras em suas criativas classificações do protestantismo brasileiro. Para ele, existem, de um lado, os progressistas, ecumênicos e a Teologia da Libertação; do outro, os fundamentalistas da ultradireita; e

Luiz Carlos Ramos



Lideranças evangélicas no Clade III

Atualmente o termo evangélico, usado para caracterizar o Movimento Evangélico (ME) que já está sendo substituído ou entendido como sinônimo da expressão "Movimento de Lausanne" (ML) que vai forjando expressões como o "Pacto de Lausanne" (PL) ou o "Espírito de Lausanne" (EL).

No Brasil usa-se o termo evangélico para caracterizar as pessoas e as instituições comprometidas com o ME ou com o PL. A partir do início da década de 1980 Manfred Grellert, então diretor da Visão Mundial no Brasil, introduziu o conceito da "Missão Holística" ou "Missão

no centro o grupo da "missão integral", "evangélicos engajados" e agora "evangélicos progressistas".

Para Caio Fábio existem os "cristãos politicamente engajados" (TL, CEBs, sindicatos, etc.), os pietistas alienados (fundamentalistas) e os "evangélicos comprometidos" (missão integral, que evangeliza e tem engajamento social e político).

ORIGENS DO MOVIMENTO EVANGÉLICO

A origem remonta à organização da Aliança Evangélica Mundial (AEM, 1923). No final do século XIX havia uma discussão teoló-

gica muito forte entre conservadores e liberais no âmbito protestante. É bom lembrar que os esforços por unidade e evangelização mundial ainda não existiam, a primeira Conferência Mundial foi em 1910. Era um período em que a Igreja Católica experimentava certo revigoreamento, mormente com a restauração da Companhia de Jesus em 1914.

AAEM não atua como instância deliberativa e de organização. Sua proposta é de facilitar o envolvimento das pessoas e servir como um grande guarda-chuva ao movimento. Sendo assim, foi a Associação Evangelística Billy Graham que convocou o primeiro Congresso de Evangelização Mundial, Berlim 1966, e o segundo, Lausanne 1974.

A AEM possui seu escritório central em Singapura, um escritório nos Estados Unidos e uma espécie de filial no Equador. Em espanhol a filial do Equador que tem o nome de *Puente* publica um boletim chamado "Intercâmbio de Informação".

CONGRESSO DE LAUSANNE

Foi realizado em 1974 o segundo Congresso Internacional de Evangelização Mundial em Lausanne, Suíça, convocado pela Associação Evangelística Billy Graham e que reuniu 2.700 pessoas de 150 países. Segundo alguns estudiosos, foi uma das mais importantes reuniões evangélicas dos últimos tempos. Considerado o Vaticano II do protestantismo.

Após o Congresso foi eleito um Comitê Executivo que se reuniu em 1976 no México e criou três comissões de trabalho: Comunicação, Teologia e Estratégia. A comissão de estratégia foi dirigida por Peter Wagner (do seminário de Fuller) e um Centro Avançado de Missões por Ed Dayton.

LAUSANNE II

No ano 1984 o Comitê reunido em Stuttgart, Alemanha, decidiu convocar o Congresso Mundial para reunir-se em Manila, Filipinas no ano de 1989. O tema: "Proclamar a Cristo até que Ele Volte" — convocando a Igreja toda a levar o Evangelho todo ao mundo todo.

O Congresso de Manila foi entendido como Lausanne II. Reuniu 4.000 pessoas de 190 países, de 11 a 20 de julho de 1989.

De passagem podemos citar que em Manila houve um total boicote aos líderes da América Latina que influenciaram Lausanne I.

Luiz Carlos Ramos



Valdir Steuernegel, um dos líderes do movimento evangelical

Na opinião de alguns participantes brasileiros e também de outros países, houve um retrocesso em relação a Lausanne I. Os norte-americanos predominaram, os países pobres não foram ouvidos, os preletores que falaram em nome desses países não os representavam — por exemplo, quem falou como representante da América Latina foi Luis Palau. A muito custo foram concedidos dez minutos para uma palavra de Valdir Steuernegel, representante da Fraternidade Teológica Latino-Americana — Brasil.

Os dois congressos de caráter mundial deixaram para o povo

cristão do mundo uma posição teológica e um compromisso expressos: o primeiro no "Paço de Lausanne" e o segundo no "Manifesto de Manila".

A expressão brasileira do ME e do Congresso de Lausanne teve sua encarnação no Congresso Brasileiro de Evangelização realizado em 1983 em Belo Horizonte e que reuniu 2.500 participantes. A partir de então se criou a Comissão Brasileira de Evangelização (CBE).

CONGRESSOS LATINO-AMERICANOS DE EVANGELIZAÇÃO — CLADEs

Esses congressos são as expressões continentais do ME.

■ Clade I — Foi realizado em Bogotá, Colômbia, em novembro de 1969 e reuniu aproximadamente 900 delegados. O lema do Congresso foi "Ação em Cristo para um continente em crise".

Clade I recupera a tradição do Congresso de Evangelização realizado em Berlim, 1966, e se insere, portanto, num projeto de significado mundial.

O final da década de 1960 marcou profundamente a religiosidade latino-americana. Os católicos receberam a influência do Vaticano II com as reuniões de Medellín e Puebla. Os protestantes haviam realizado em julho de 1969 a III Conferência Evangélica Latino-Americana (Cela) que, na opinião de Orlando Costas, trouxe "uma nova consciência protestante".

■ Clade II — Realizou-se em Lima (Huampaní), Peru, em novembro de 1979, dez anos após a realização de Clade I e cinco anos após o Congresso de Lausanne. O lema do Clade II foi inspirado em Lausanne — "Que a América Latina escute a voz de Deus" — e reuniu aproximadamente 250 participantes.

É importante ressaltar que

Clade I foi um evento missionário, evangelístico, convocado pelos missionários, na grande maioria norte-americanos que trabalhavam na América Latina. Durante Clade I em 1969 foi crescendo a consciência latino-americana, especialmente com a liderança de Orlando Costas, Rene Padilha, Samuel Escobar e outros. Durante a reunião do Clade I resolveu-se fundar uma fraternidade de teólogos latino-americanos, e nasceu a Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL). Essa mesma entidade convocou Clade II e agora já desfrutava de um período de 10 anos de existência. A FTL convocou, também, Clade III.

LIMITAÇÕES DO ME

- A institucionalização. Essa limitação é intrínseca a qualquer movimento. Se tomarmos a data inicial de 1974 teremos hoje 18 anos do ML (segundo alguns sociólogos, 15 anos é um período suficiente para o início de institucionalização em qualquer movimento).
- Uma superigreja. Uma das críticas mais ferozes de toda a história do ME ao CMI é a de que ele sempre propugnou pela formação de uma superigreja. O ME articula-se por meio de pessoas; porém, lendo atentamente as conclusões do Congresso de Manila e as propostas de Tom Houston, atual diretor internacional do ML, atrevemo-nos a insinuar que o ML caminha a passos largos na tentativa de uma hegemonia eclesiástica.
- Uma postura acrítica na política. Fazem uma aproximação ingênua da política como um todo (existem hoje pequenos sinais de que essa postura está mudando). Articulam toda postura com os valores do Reino de Deus, extraídos da Bíblia, pura e simplesmente. Insistem em não dialogar com categorias científicas.
- Um reducionismo nas rela-

ções sociais. Enfatizam o equilíbrio, valores cristãos, crise nos relacionamentos pessoais e de confiança. Eliminam as relações dialéticas.

- Uma postura religiosa conservadora. A ligação com o passado religioso pietista e puritano faz com que exista uma crítica superficial aos comportamentos forjados por essas posturas, não superando tais comportamentos e podendo cair nos mesmos erros do passado.

- Uma hermenêutica bíblica tendenciosa. Promovem uma leitura bíblica sem mediações. A crítica que os fundamentalistas fazem às conquistas das ciências bíblicas foi incorporada por um grande setor do ME que hoje se transformou numa barreira para uma leitura bíblica contextualizada relevante. Para muitos do ME, a Bíblia é usada por pura conveniência: enfatizam o sentido figurado quando lhes interessa e o literal quando não interessa. Uma leitura, em muitos casos, a-histórica e que promove outro tipo de fundamentalismo.

ASPECTOS POSITIVOS DO ME

- Compromisso missionário. O ME tem resgatado a vocação missionária da comunidade cristã. A caminhada do ME após Lausanne tem demonstrado maturidade e capacidade para entender a tarefa missionária da Igreja como um conceito que procura olhar para o ser humano em sua integralidade existencial.
- Compromisso com a unidade. O ME foge da palavra ecumênico. No entanto, promove com bastante ênfase a unidade visível da Igreja como uma de suas bandeiras.
- Compromisso na cooperação. O ME tem rompido, mormente nos setores mais sectários do protestantismo conservador, com a insistente resistência em cooperação nos trabalhos evan-

gelísticos e também no campo da ação social.

- Compromisso com o diálogo. É um dos pontos distintivos nos setores progressistas do ME. Na história da teologia latino-americana há que reconhecer que esses setores progressistas do ME foram e em alguns casos ainda são o único espaço de reflexão teológica, diálogo e respeito no seio do protestantismo conservador.

- Compromisso com a renovação. O ME assume um papel importante no rompimento do círculo vicioso e ideológico (hermenêutico) que os conservadores acabam adotando. O compromisso com a renovação, com a busca do novo, com o desejo de evangelizar, leva as pessoas a se descobrirem com possibilidades de novos horizontes.

- Compromisso com os marginalizados. O ME promove uma articulação (ainda que às vezes sem saber) dos setores descontentes e marginalizados em suas igrejas, possibilita o crescimento e aproveitamento desse grande potencial.

- Compromisso com a reflexão teológica. O movimento fundamentalista tem criado certa repulsa com relação à reflexão teológica. Esse fenômeno estendeu-se às igrejas conservadoras. O ME tem insistido que não se pode evangelizar sem refletir teologicamente. A reflexão teológica tem sido algo constante no seio do ME, que estende-se a outras áreas como a missiologia, teologia pastoral, etc...

- Compromisso com a autoctonia. O ME caracterizou-se no início como um movimento do Primeiro Mundo. Percebe-se hoje que as raízes de cada continente estão plantadas, bem firmes, e são respeitadas. Essa influência se faz sentir na liturgia, na exposição bíblica, na ação bíblica, na ação social, etc.

A FRATERNIDADE TEOLÓGICA E O MOVIMENTO EVANGÉLICO

Dalton Said Henriques

A realização do Clade III esteve intimamente relacionada com a Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL), pois essa foi a entidade que o convocou. Além disso, a direção, coordenação e programação do Congresso estiveram nas mãos de membros influentes da FTL, e entre aqueles que participaram do programa, em diferentes níveis, foi também predominante a presença de seus membros. Dos aproximadamente cento e cinquenta membros com que conta a FTL, atualmente, na América Latina e Estados Unidos (parte hispana), a maioria parecia estar presente no Clade III.

Foi possível perceber que muitos dos participantes deste Congresso pouco ou nada conheciam anteriormente sobre a Fraternidade. Nesse sentido, o Congresso foi uma revelação. Esteve, sem dúvida, em evidência a entidade que foi capaz de convocar, organizar e conduzir um evento de tal magnitude e importância para a vida e o testemunho da Igreja Evangélica em nosso continente.

CONTRIBUIÇÃO SIGNIFICATIVA

Na verdade, a despeito de ser novidade para muitos (principalmente no Brasil), a FTL já tem mais de vinte anos de funcionamento. A longa lista de eventos e projetos patrocinados por ela, embora às vezes de alcance limitado, tem exercido uma influência considerável em certos círculos do protestantismo latino-americano, estimulando-os a articular seu pensamento teológico a partir de seu próprio

contexto, dentro de uma crítica sobre a vida e a missão da Igreja. Nesse sentido, a FTL tem dado uma contribuição significativa para o fortalecimento e o amadurecimento do movimento evangélico no Continente. A propósito, prefiro referir-me ao movimento "evangélico", em vez de "evangelical". O termo evangelical (um anglicismo impróprio, desnecessariamente introduzido entre nós) surgiu como designação de grupos de cristãos supostamente não nominais e evangelicamente (biblicamente) mais conservadores que se têm desenvolvido dentro de igrejas de caráter confessional, na Europa e nos Estados Unidos, como a Igreja Luterana (que na Alemanha se chama "Igreja Evangélica"), a Igreja da Inglaterra e outras. Esta é uma importação recente que deveríamos dispensar.

Em estreita relação com o que foi dito, podemos destacar um dos requisitos que devem ser preenchidos por aqueles que pretendem ser membros ativos da FTL: apresentar ao grupo nacional ou regional um trabalho monográfico de ingresso, que expresse originalidade, uso adequado das fontes e instrumentos de investigação teológica, e relevância para a situação latino-americana. São também pertinentes os três objetivos da Fraternidade: 1) Promover a reflexão sobre o Evangelho e seu significado para o ser humano e a sociedade na América Latina; 2) Construir uma plataforma de diálogo entre pensadores que confessam a Jesus Cristo como Salvador e Senhor, e estejam dispostos a refletir, à luz da Bí-

blia, a fim de comunicar o Evangelho entre as culturas latino-americanas; 3) Contribuir para a vida e missão das igrejas evangélicas na América Latina, sem pretender falar em nome delas, nem assumir a posição de seu porta-voz no continente latino-americano. Os diferentes projetos de reflexão promovidos pela FTL envolvem uma diversidade de áreas do espectro teológico, tais como: teologia bíblica, ética, história e estrutura da Igreja, fé e cultura, educação cristã e teológica, ministério pastoral e evangelização e missão.

DE BERLIM A QUITO

A história e a própria origem da FTL estão associadas a congressos internacionais de evangelização. Depois do Primeiro Congresso Mundial de Evangelização, realizado em Berlim Ocidental, em novembro de 1966 (convocado pela equipe de Billy Graham), foram realizados vários congressos regionais, seguindo o espírito de Berlim. Entre eles estava o Clade I, em Bogotá, em outubro de 1969. Seu lema foi: "Ação em Cristo para um continente em crise". Um dos resultados do Clade I foi a organização da Fraternidade, que por muito tempo se manteve com um número reduzido de membros, principalmente oriundos ou relacionados com a Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos. O Clade II, em Lima, em 1979, com o lema "Que a América Latina ouça a voz de Deus", foi convocado pela FTL, inspirada no Segundo Congresso Mundial de Evangelização, realizado em Lausanne,

Suíça, em 1974. Sem sombra de dúvida, os Clades têm ajudado na formação de uma nova mentalidade evangélica no Continente.

Ainda a fim de compreender melhor a contribuição da FTL para a vida e pensamento do movimento evangélico latino-americano, devemos mencionar pelo menos alguns de seus projetos desenvolvidos em anos recentes, principalmente na área de literatura. Nos últimos quatro anos saíram treze edições (números 33 a 45) do Boletim Teológico, em espanhol, veiculando principalmente material relevante apresentado em congressos e consultas. Foi também lançado um boletim em português, que já alcançou o número 16. A Fraternidade colaborou na elaboração e lançamento da obra historiográfica de Washington Padilha: *La Iglesia y los dioses modernos: historia del Protestantismo en el Ecuador* (Quito: Corporación Editora Nacional, 1989), que foi elogiada por um eminente professor de história da Universidade Católica da capital equatoriana. Para auxiliar os cristãos latino-americanos que desejam ou precisam refletir sobre a política a partir de uma perspectiva evangélica, foi publicada uma coleção de ensaios sob o título de *De la marginación al compromiso* (128 páginas). Um empreendimento extraordinário foi sem dúvida a publicação de *História del cristianismo en América Latina*, por Pablo A. Deiros (mais de 850 páginas), que contou com o apoio financeiro da FTL. Foi publicada outra coleção de ensaios, intitulada *Misión en el camino: ensayos en homenaje a Orlando E. Costas*. Essa homenagem a Orlando Costas foi mais do que justa, já que ele, antes de seu falecimento, cinco anos atrás, foi um teólogo (missiólogo) evangélico latino-americano extraordinariamente

lúcido, combativo, dinâmico e profícuo.

Fora da área da literatura, destacam-se, nestes últimos anos, duas consultas de nível continental, patrocinadas pela FTL. A primeira, com a participação de aproximadamente cem membros, versou sobre "Teologia e vida na América Latina", de 4 a 12 de dezembro de 1990, em Quito, Equador, em comemoração do vigésimo aniversário da Fraternidade. Foi precedida por consultas regionais sobre a violência, a pobreza, o totalitarismo político e a dependência econômica. Com a presença de um grande número de políticos e cientistas sociais de dezesseis países, foi realizada uma consulta sobre "A participação dos evangélicos na política nacional na América Latina", em Buenos Aires, de 24 a 28 de outubro de 1991, com a preocupação voltada para a necessidade de elaboração de uma ética política fundamentada na fé evangélica. Quanto às atividades da FTL em outras áreas, destacamos seu projeto de desenvolvimento de bibliotecas, com o apoio da Fundação de Literatura Evangélica da Inglaterra, presidida por John Stott, e seu programa de bolsas, tanto para estudantes como para projetos de investigação e produção literária.

NATUREZA "ELITISTA"

Em todos os seus projetos e atividades, a FTL tem deixado marcas importantes na vida e no pensamento de muitos cristãos de certos setores do protestantismo latino-americano, destacando-se alguns elementos, como a capacidade de autocrítica, a necessidade do diálogo interconfessional e da reflexão crítica, e a urgência e necessidade de se viver e propagar um evangelho integral e contextualizado em nosso torrão latino-americano. Dada sua natureza "elitista", a

Fraternidade Teológica não tem procurado propagar-se ou mesmo promover suas atividades, projetos e materiais de forma ampla para o consumo popular, embora seu número de membros tenha relativamente aumentado nos últimos anos, com a criação dos núcleos nacionais ou regionais.

Não obstante a capacidade, a seriedade, a dedicação e a competência das pessoas que têm estado à frente da FTL, essa instituição, como qualquer outra, não tem vivido sem seus conflitos, suas deficiências, sua esquizofrenia. Creemos que para que ela seja mais influente e possa cumprir melhor seus objetivos e ser mais coerente com eles, necessita evitar alguns de seus vícios, verificados principalmente em seu comportamento administrativo. É preciso evitar a tendência ao governo oligárquico, o fisiologismo e o clientelismo. É preciso evitar que ela chegue a ser tratada como propriedade particular de qualquer pessoa ou de um círculo fechado de amigos e "afilhados". Precisa abrir-se a um maior nível de participação de seus membros (sem discriminações) e democratizar todo o seu processo decisório. Em vez de concentrar-se em uns poucos, ela precisa suscitar, de diferentes regiões, outros teólogos, novos ou já experientes, que possam desenvolver-se e dar sua contribuição ao pensamento teológico latino-americano. Pode ser que seja perda de tempo esperar o ideal, mas alguma mudança nesse sentido poderia dar à Fraternidade Teológica mais credibilidade e maior poder de impacto na vida e missão da Igreja Evangélica na América Latina.

Dalton Said Henriques, pastor batista, é o atual reitor do Seminário Batista em Belo Horizonte. Foi coordenador do CEBEP.

CLADE III: O NOVO ROSTO DO MOVIMENTO EVANGELICAL LATINO-AMERICANO

MISSÃO INTEGRAL, UNIDADE E JUSTIÇA SOCIAL

Luiz Longuini Neto

O Clade tem uma curta, porém, empolgante e exemplar história. Nela vamos perceber uma evolução em todo esse projeto. Os evangelicais latino-americanos deixaram de ser sujeitos e tornaram-se objetos, pelo menos no que diz respeito ao incipiente, porém, corajoso processo de reflexão teológica, iniciado no ventre de Clade I com o nascimento da Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL).

O Clade I foi realizado no ano de 1969 na cidade de Bogotá, Colômbia, tendo como tema: "Ação em Cristo para um Continente em Crise". Este congresso foi convocado pela Associação Evangelística Billy Graham. Testemunham os participantes de Clade I que, quando chegaram, o "pacote" já estava pronto. O continente latino-americano estava em crise (quem não se lembra dos trágicos anos de 1960 e início dos anos de 1970) e a ação em Cristo viria, mais uma vez, dos gloriosos salvadores que falavam inglês e possuíam as receitas certas para to-

dos os nossos problemas. Graças a Deus a reação foi organizada e um grupo de teólogos latino-americanos (Orlando Costas, Samuel Escobar, Rene Padilha, dentre outros) resolveram organizar a FTL.

ESPÍRITO DE LAUSANNE

A FTL convocou o Clade II, realizado em Lima, Peru, no ano de 1979. Desta vez, com preocupações legítimas e latino-americanas, o congresso teve como tema: "Para que América Latina escute a voz de Deus". Clade II aconteceu noutro contexto. Havia sido realizado o Congresso Internacional de Evangelização Mundial em Lausanne, Suíça, no ano de 1974, sob o tema "Para que o Mundo Ouça a voz de Deus". O Clade II foi influenciado pelo Congresso de Lausanne (CL), pelo Pacto de Lausanne (PL) e pelo que mais tarde se convencionou chamar Espírito de Lausanne (EL) ou simplesmente Movimento Evangelical (ME). Há que ressaltar o fato de que o CL recebeu também a in-

fluência de um grupo de teólogos latino-americanos, os mesmos que no ano de 1969 haviam fundado a FTL. O Clade II foi um marco na história da evangelização na América Latina, forjou uma nova consciência na liderança evangélica emergente, contribuiu para que as organizações paraeclesiais na América Latina adotassem uma agenda mais comprometida com a Missão Integral, influenciou a reflexão teológica no Continente, seminários e institutos bíblicos, e lançou uma vasta agenda com desafios inéditos para o então conservador, dividido e reacionário mundo "evangelical" latino-americano.

O Clade III, um congresso diferente. Diferente em quê? Na sua emancipação conceitual, uma vez que financeiramente continuamos no mesmo lugar em que estávamos em 1969 ou pior? Diferente nos números? O Clade II reuniu aproximadamente 150 participantes. Clade III foi diferente, sem dúvida. A FTL convocou-o e, desta vez, re-

INDÍGENAS EVANGÉLICOS DO CONTINENTE SE ORGANIZAM

Quinhentos indígenas de diferentes países da América criaram a Organização Evangélica de Nações Autóctones Interamericana (OENAI) como um dos resultados do IV Congresso Indígena Evangélico Latino-Americano, celebrado em Otavalo de 19 a 23 de agosto.

No IV Congresso, convocado pela Federação Equatoriana de Indígenas Evangélicos (Feine) e Tawantinsuyo (Tawa), do Peru, os delegados discutiram uma proposta de "Reconciliação com nossos irmãos da sociedade mestiça", apresentada durante o Clade III. Segundo os organizadores, 20% dos indíge-

nas evangélicos estiveram presentes ao Congresso de Quito.

EVANGÉLICOS BRASILEIROS PEDEM RENÚNCIA DE COLLOR

A delegação brasileira presente ao Clade III promoveu uma passeata até a embaixada brasileira em Quito pedindo, em documento assinado por todos, a renúncia do presidente Fernando Collor. A manifestação foi um misto de ato político e culto público, durante a qual se mesclavam hinos evangélicos e o Hino Nacional, leitura da Bíblia e da "Carta aberta ao povo brasileiro", orações e palavras de ordem como "Fora Collor!".

solveu empreender um longo processo de preparação. O processo envolveu preletores e participantes, estimulou reuniões regionais, os interessados deveriam ler as palestras, escritas com antecedência, e responder a certos questionários que serviram de retroalimentação para os preletores. Houve ampla divulgação, busca de recursos humanos e financeiros na América Latina e no exterior.

PLATAFORMA DE DIÁLOGO

A expectativa em torno do Clade III foi grande, houve mobilização dos vários grupos na América Latina e de segmentos conservadores, alinhados em torno do Congresso Ibero-Americano de Evangelização (Comibam) e Confraternidade Evangélica Latino-Americana (Conela), como de outros progressistas alinhados em torno do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai). Tal expectativa esteve muito bem exposta nos boletins do Clade III, quando o presidente do Congresso, Rev. Dr. Valdir Steuernagel, luterano brasileiro, enfatizou que o Congresso seguiria sua vocação de ser plataforma de diálogo, na mais legítima tradição de sua "mãe" (a FTL) e que a motivação primeira dos organizadores era de que houvesse, de maneira bastante explícita, a convergência em torno de uma agenda, cujo ele-

mento prioritário seria a evangelização. Este processo todo foi levado a cabo tendo já como ponto de partida o tema do Congresso: "Todo o Evangelho, para todos os povos, a partir da América Latina".

De 24 de agosto a 4 de setembro de 1992 os 1.100 participantes do Clade III tiveram a oportunidade de conviver com o multifacetado "mundo evangélico latino-americano". A presença foi representativa: mulheres, 30%; pastores, 35%; leigos, 35%; representantes da hierarquia eclesiástica, 5%; acadêmicos, 5%; observadores e jornalistas, 5%. Há que ressaltar, além da participação das mulheres, também a participação de uma expressiva delegação de indígenas cristãos de alguns países do Continente. Os congressistas de Clade III vieram de 26 países da América Latina. A seguir a relação dos países e o número de delegados: Peru (124), Brasil (115), Equador (95), Argentina (60), México (49), Chile (41), Guatemala (34), Venezuela (33), Costa Rica (29), Colômbia (26), Bolívia (20), Nicarágua (20), Cuba (17), Honduras (15), Uruguai (11), El Salvador (9), Paraguai (8), Panamá (7), República Dominicana (5), Haiti (1), Belize (1), destacando, ainda, Ásia, África e Europa (17) e Estados Unidos (17).

O programa do Congresso en-

volveu aproximadamente 100 preletores entre conferencistas, expositores de seminários e pregadores, grupos de teatro, música e dança litúrgica, e vários grupos musicais.

O tema do congresso serviu para orientar metodologicamente a abordagem dos assuntos e foi ao mesmo tempo paradigma de uma proposta hermenêutica. Assim houve uma primeira parte com o subtema "Todo o Evangelho" em que as principais palestras abordaram a essência e natureza do Evangelho. A segunda parte esteve concentrada no subtema "Para Todos os Povos", momento em que as atenções dos preletores estiveram voltadas para as estruturas socioeconômicas e políticas da América Latina, bem como para a diversidade cultural, não só do nosso continente, mas também dos povos que deverão ser alcançados com a mensagem salvadora do Evangelho. A terceira parte esteve concentrada no subtema "A partir da América Latina". Este terceiro momento foi extremamente rico, sem desprezar os demais, pois foi quando temas como Evangelho e Política, Evangelho de Justiça e Evangelho da Nova Criação foram abordados. Sem dúvida alguma a opção metodológica que os organizadores fizeram facilitou a todos os presentes a reflexão, a qual era aprofundada a cada dia

CONGRESSISTA ORA PELA CONVERSÃO DE ROBINSON CAVALCANTI

Robinson Cavalcanti recebeu carta de um congressista dizendo que, após ter lido os textos de suas palestras, resolveu orar pela conversão dele e para que deixe de ser instrumento de Satanás.

CAIO FÁBIO NÃO COMPARECE AO CLADE III

O pastor Caio Fábio D'Araújo Filho, presidente da Associação Evangélica Brasileira (AEVB) e da Visão Nacional de Evangelização (Vinde), decepcionou congressistas ao cancelar sua participação no Clade III. Caio Fábio tinha a responsabilidade de pregar

no culto de encerramento. Segundo representantes da Vinde, a razão do cancelamento foi a situação política pela qual atravessava o Brasil, o que exigia sua permanência no País. Por isso foi alvo de duras críticas, principalmente por parte dos brasileiros que desaprovam seu estilo personalista. Segundo alguns delegados brasileiros, Caio Fábio tem assumido uma postura de "estrela".

AEVB É QUESTIONADA

Durante Clade III, a Associação Evangélica Brasileira (AEVB), na pessoa de seu secretário-executivo, Tisiani Cavalcanti, convocou reunião para divulgar suas propostas aos delegados brasileiros. Na oca-

nos pequenos grupos que forneciam as conclusões para um comitê de retroalimentação e outro de redação.

Há que se destacar o fato de que, com raríssimas exceções, as palestras estiveram bastante comprometidas com o Espírito de Lausanne e a busca de um Evangelho Integral na América Latina. No final do Congresso foi aprovado um documento que tentou ser a síntese das apresentações e das inquietações de Clade III.

ROSTO LATINO-AMERICANO

Participar de um congresso desta natureza é, sem dúvida nenhuma, um privilégio; aprende-se muito, encontram-se muitos amigos, revigoram-se as forças e leva-se a nossa consciência crítica também a trabalhar um pouco. O Congresso não foi só maravilha e também não foi um pedaço do céu na Terra, como muitos acreditavam que seria. O Clade III teve o rosto deste controverso mundo evangélico latino-americano, povo evangélico este que sofre as desgraças da miséria a qual convive conosco a cada dia, as guerras, as injustiças, a corrupção. O Clade III teve o jeito, o cheiro e a cor do sofrido povo latino-americano. Teve também a dança mágica da esperança, o sorriso aberto, a fraternidade, a bênção e a paz que só os latinos sabem ter e vivenciar.

Há que se destacar, na tentativa de aprender com a história e não errar no futuro, a predominância de preletores do Cone Sul (Argentina e Brasil; luteranos-IECLB); dizia-se nos corredores que o Evangelho não era a partir da América Latina e sim da Argentina e Brasil.

Destaque-se ainda a pouca participação das mulheres. Comparando com o passado houve uma participação de indígenas nas preleções, que foi boa, mas poderia ter sido melhor. Destaque e crítica à pouca participação de negros.

Momento alto do Congresso, foi sem dúvida, o diálogo entre os dirigentes de Clai e Conela. Ficou claro para todos os presentes que vivemos um momento novo na América Latina onde o projeto de unidade, que nasceu e vive no coração de Deus, vivenciará novos dias em nosso continente. Os dirigentes da Conela não apresentaram muita empolgação. Isso demonstra que precisamos estudar com profundidade as raízes de nossas divisões e, com coragem e amor, buscar um tempo novo de unidade na América Latina, sempre e quando as igrejas o desejem.

Lamenta-se o fato de que num congresso desta magnitude não haja participado e sequer tenha sido convidado um observador da Igreja Católica Romana.

Ao final aprovou-se um docu-

mento, que na opinião de muitos não refletiu tudo o que foi falado, pensado, vivido e proposto pelo Clade III. Verdade seja dita, não houve plenários para se fazerem propostas de uma provável agenda que viesse a canalizar os esforços do povo evangélico na América Latina para os próximos dez ou vinte anos. O documento é repetitivo, afirma dogmas e tradições que já foram aceitas pelos evangélicos do Continente, não reflete o espírito de pioneirismo que existiu no Clade II e não lança desafios para a geração que poderia concentrar-se ao redor de uma agenda provocadora durante os próximos anos.

Por último ficou a proposta de que o Clade IV seja feito no Brasil, talvez no ano 2002, sempre com a ressalva: "Isto se Jesus não voltar antes!" Digna de nota é a palavra do teólogo argentino, José Miguez Bonino, ativo participante do Congresso, com a qual concordamos: "Clade III é um momento evangélico e protestante da América Latina, os jovens historiadores aqui presentes concordarão com isto e a ele farão referência nos próximos vinte anos".

Luiz Louguini Neto é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil e doutorando em Teologia na Alemanha.

sião, a AEVB foi questionada pelos presentes pela maneira vertical com que sua diretoria se manifesta "em nome dos evangélicos" sem o devido respaldo e consulta a essas bases evangélicas. Foi citado o segundo item do prospecto da entidade, distribuído aos presentes: Ao fazer parte da AEVB, "você ganha a certeza de ver os evangélicos falando em seu nome à sociedade brasileira de maneira moderada, bíblica e clara, o que significa não ter mais que se envergonhar daquilo que é dito em seu nome e em nome da Igreja, bem como daquilo que é dito de você e do povo evangélico".

A AEVB foi também colocada em cheque pela maneira como foi escrupulosa, fazendo passar por

inúmeros estágios de avaliação o pedido de filiação de um pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia — até mesmo questionando sua legitimidade como igreja evangélica —, e ter aceito, sem os mesmos cuidados, a filiação do presidente da Igreja Universal do Reino de Deus, "bispo" Macedo.

Os participantes da reunião lembraram o primeiro item do mesmo prospecto da AEVB: "Você ganha credibilidade, ao fazer parte de uma associação meticulosa no seu critério de aceitação de associados. Sua aceitação valerá como um atestado público de sua seriedade pessoal, organizacional e contábil".

CLADE III — ECOS DE UM CONCLAVE MORENO

Robinson Cavalcanti

Há dois tipos de encontros de cristãos: aqueles que se inserem na tradição dos grandes concílios, de inegável impacto na vida da Igreja, e aqueles que se inserem na tradição das *conventions* norte-americanas — grandes “piqueniques” santos. Com todos os senões, creio que o Terceiro Congresso Latino-Americano de Evangelização (Clade III, Equador, 24/8-5/9) pode ser tido como o da primeira tradição: valeu a pena.

Em relação ao Clade II (Huampaní, Peru, 1969), tivemos agora o dobro de participantes, nenhum país do Continente esteve de fora, uma amplíssima gama denominacional, mais lideranças jovens e mais mulheres. A dinâmica foi mais participativa (painéis, grupos de discussão, etc.), dando-se mais vez às novas vozes.

O clima de relacionamento significou um avanço em direção à maturidade do evangelicalismo continental: menor ênfase nas diferenças pontuais, maior respeito ao ponto de vista alheio, espírito de camaradagem, etc. Pela primeira vez o Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai) e a Confraternidade Evangélica Latino-Americana de Igrejas (Conela) tiveram um amistoso diálogo público, além de terem integrantes trabalhando no evento.

No Clade II os fundamentalistas, os pentecostais, os liberais e os evangélicos se agarraram aos respectivos dogmatismos, o que tornou impossível a tarefa de se elaborar um documento conclusivo. No Clade III, ao contrário, um documento (Declaração de Quito) saiu por amplo consenso. Talvez um sinal da crise do denominacionalismo que vem com a crise da modernidade, quando esses muros começam a ruir, com liberais falando em línguas estranhas, fundamentalistas operando curas divinas e pentecostais militando em partidos de esquerda.

Com o transcurso dos 500 anos da chegada de Colombo, a questão histórica, os desafios da contextualização, a situação dos povos indígenas foram o ponto focal do Congresso, incluindo-se forte participação de conjuntos musicais nativos. Outra ênfase foi o debate do como e para quê da presença dos evangélicos na política latino-americana, com forte acento na autocrítica.

Do tema central, “Todo o Evangelho, para todos os povos, desde América Latina”, o primeiro

Apesar dos inegáveis avanços, ainda há muito chão para a consolidação do protestantismo latino-americano

tópico “Todo o Evangelho” foi amplamente elaborado, como era de se esperar em um encontro hegemônico pelos evangélicos; “desde a América Latina” teve uma elaboração

suficiente; mas “para todos os povos” ficou a desejar uma análise mais ampla e profunda da presente crise e das transformações mundiais.

Creio que um evento assim somente foi possível sob o patrocínio de uma entidade independente e ativa, a Fraternidade Teológica Latino-Americana, espaço privilegiado para a promoção, entre nós, da Teologia da Missão Integral da Igreja (holismo), cuja liderança foi quase toda renovada em sua diretoria, com os “velhos leões” (René Padilla, Samuel Escobar, Pedro Arana, etc.) dando lugar a uma nova geração.

O que foi claramente percebido é que a maioria dos líderes evangélicos mais progressistas do Continente é egressa dos quadros dos movimentos filiados à Comunidade Internacional dos Estudantes Evangélicos (CIEE), entidade similar à Aliança Bíblica Universitária (ABU).

Apesar dos inegáveis avanços, ainda há muito chão para a consolidação do protestantismo latino-americano: imaturidade, triunfalismo, dependência financeira e ideológica forânea, etc. O fundamentalismo vem caindo em descrédito, somente produzindo esquisitices; o liberalismo tem que se convencer de que uma liderança europeamente cética não pode pretender conduzir um povo crédulo e místico; e o evangelicalismo vai-se tornando menos caipira e moralista, mais intelectualizado e cosmopolita. Parece que ao menos historicamente “as coisas velhas já passaram”...

Dois registros adicionais devem ser feitos: a ausência dos integrantes das “cúrias” de algumas denominações brasileiras tradicionais, como a IPB e a CBB, e o caráter mais “hispanico” do que latino desses congressos continentais.

A delegação brasileira, de 115 pessoas, deixou uma impressão bastante favorável no conjunto dos participantes, pela independência, pelo nível, pela maior abertura ao novo. A assinatura, por nossa delegação — de forma unânime —, de um manifesto público exigindo a renúncia do presidente Collor foi um milagre do Espírito Santo e um sinal de esperança, pois alguns dos pastores que foram gritando “palavras de ordem” até a em-

baixada brasileira em Quito, o máximo precedente em suas vidas tinham sido as passeatas do Dia da Bíblia...

O eixo das forças missionárias mundiais se desloca para o Hemisfério Sul, e a América Latina terá um novo e importante papel nesse processo. Resta saber se nos livraremos do humilhante e estéril papel de repassadores dos pacotes do Primeiro Mundo, e se poderemos dar o nosso colo-

rado toque nessa nova fase de expansão da Igreja, concorrendo para um cristianismo não somente solidário com os oprimidos, mas, ao mesmo tempo, mais alegre, expansivo, descontraído, sem as chatices e as neuroses de nossa herança.

Robinson Cavalcanti é pastor anglicano e diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

UM CARDÁPIO PARA TODOS OS GOSTOS

Marcos R. Inhauser

Os que chegaram ao Clade III estavam entrando num grande restaurante, no qual as mais variadas comidas e temperos eram servidos. Logo na entrada os participantes recebiam uma pasta com o cardápio. Este, na forma de agenda, relacionava comidas frias e quentes, doces e salgadas, algumas apimentadas, outras sem sal e sem açúcar.

O interessante desse cardápio *sui generis* era que cada prato era servido por um garçom específico que era, ao mesmo tempo, o cozinheiro de sua especiaria.

A cada dia, várias dessas iguarias adrede preparadas, testadas (foram enviadas amostras delas aos participantes que escreveram dizendo se lhes agradavam ou não) foram servidas aos comensais — em torno de oitocentas pessoas, oriundas de todas as partes da América Latina.

A leitura do cardápio evidenciava uma forte ênfase no churrasco argentino. Uma grande parte dos cozinheiros-garçons trazia o tempero sulino. Por outro lado, notava-se uma ausência da comida cubana, salvadorenha, paraguaia, boliviana... A comida brasileira esteve mais pra chucrute que pra feijoada.

No transcorrer dos cafés-da-manhã, almoços e jantares nesse grande restaurante latino, coisas interessantes ocorreram. Houve vez que nos serviram com algo muito doce e suave, e logo em seguida com algo carregado de pimenta. Outras vezes, vinha uma dose de comida sem tempero, outras parecia comida congelada desde os tempos de Calvino, Lutero e Zwinglio.

Nessa mistura de comidas congeladas, comidas rápidas e feitas com elementos nativos ou forâneos, a reação dos comensais variava, aplaudindo a uns e omitindo-se nos aplausos a outros. Mas, curiosamente, não raras vezes e não poucos comensais pediam repetição de pratos apimentados e logo em seguida faziam o mesmo com a comida congelada e com a comida sem tempero. Faltava à língua deles um padrão ideológico! Mortos de fome, tudo era comida.

Neste grande restaurante chamado Clade III, não foram os famosos *chefs* da culinária teológica latino-americana, alguns com tempero primeiro-mundista, os que foram mais apreciados. Para surpresa dos renomados *chefs* foram pratos de cozinheiros desconhecidos pela culinária teológica os mais saboreados: foi a indígena equatoriana, foi o indígena peruano e o guatemalteco, foram as mulheres que serviram água aos comensais, foi a liturgia com uma culinária de símbolos e cânticos proféticos latino-americanos.

Para surpresa dos *chefs*, que supunham ser o paladar do protestantismo latino-americano tão "refinado", o tempero médio do restaurante esteve bem mais apimentado do que esperavam. Este tempero evangélico latino-americano foi usado pela culinária presbiteriana, batista, metodista, luterana, pentecostal, etc. Este tempero picante para certos gostos foi anunciado como um tempero que não suporta e não observa os denominacionalismos: é um tempero ecumênico e integrador.

Como toda comida picante em boca dos menos avisados, houve gente que andou "cuspiendo fogo", principalmente se estavam acostumados ao tempero de *ketchup*.

Fugindo à regra dos restaurantes vários dos cozinheiros-garçons não só serviram a comida, mas também ensinaram a receita e as técnicas de preparo. Desta forma, os comensais foram capacitados para voltar às suas comunidades e cozinhar a comida com o tempero latino-americano.

Finalmente, Clade III como restaurante, de forma veemente, rejeitou as comidas importadas, os temperos dietéticos, os hambúrgueres e os *hot dogs*. A culinária teológica latino-americana se faz com milho, arroz, feijão, farinha, choco, tortilla, cuscuz e virado.

Marcos Inhauser, pastor presbiteriano, é professor na Faculdade de Teologia Menonita em Illinois (EUA). Foi coordenador da Pastoral de Solidariedade do Clai.

DIÁLOGO CLAI E CONELA: UMA INICIATIVA IMPORTANTE

Em meio a muita expectativa dos participantes do Clade III, deu-se o esperado diálogo entre Juan Terranova, presidente da Confraternidade Evangélica Latino-Americana (Conela), e o bispo Federico Pagura, presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai).

Participaram também do debate Felip Adolf, secretário-executivo do Clai, e Alfonso de los Reyes, vice-presidente da Conela.

Embora os resultados não tenham sido os esperados em termos concretos rumo à unidade, não há como negar a importância simbólica dessa primeira aproximação na história das duas organizações que pretendem congregar as igrejas da América Latina.

■ Entrevista com FELIP ADOLF, secretário-executivo do Clai

O que significa o Clade III para o Clai?

O mesmo que significa Clade para as igrejas da América Latina. Tudo o que aconteça de 1992 a 1994 faz parte da Assembléia sobre os 500 anos. A partir do dia 14 de setembro vai acontecer a Assembléia do Povo de Deus aqui em Quito. E em outubro vai acontecer a assembléia dos bispos católicos em Santo Domingo. O ano que vem estamos convocando um encontro de bispos católicos e pastores para falar sobre quais são as alternativas para a América Latina. E, finalmente, em fins de 1994 vai-se realizar a Assembléia do Clai. E eu creio que tudo o que acontecer até 1994 nos dará um panorama de como está o "religioso" e, dentro disso, como está a igreja protestante na América Latina. O Clade é muito importante para ajudar-nos a descobrir para onde vai a Igreja Evangélica na América Latina.

Qual o significado para o Clai do diálogo com a Conela, realizado durante o Clade III?

Uma iniciativa muito importante que nós queremos que tivesse acontecido há mais tempo. Não deveria acontecer essa eterna polarização entre Conela e Clai. Nós sempre temos convidado Conela para participar de nossas assembléias. Temos que demonstrar que chega de divisões, de ver de estão as coincidências para trabalharmos juntos. Creio, no entanto, que o problema da divisão entre a Igreja latino-americana não está enquanto Conela (organização) e Clai (organiza-

ção), mas nas igrejas, porque as igrejas, com maior número, não estão nem no Clai nem na Conela. Talvez, Clai e Conela representem 15% a 20% das igrejas evangélicas na América Latina. É importante esse diálogo entre Clai e Conela porque podemos perceber onde estão nossas diferenças e ver como podemos ir solucionando essa vergonha de estarmos divididos como organizações.

Que possibilidades existem de projetos entre Clai e Conela?

Vai depender muito das propostas que tenham as igrejas. Não ajuda muito que os presidentes e os secretários-gerais do Clai e da Conela conversem, o importante é se as igrejas estão interessadas em dialogar. Tais projetos acontecerão à medida que as igrejas membros dos dois organismos queiram dialogar entre si. Creio que devemos pedir às igrejas que as propostas venham das próprias igrejas e não das cúpulas das instituições.

■ Entrevista com JUAN TERRANOVA, presidente da Conela

Clade III cumpriu as expectativas de Conela?

O reconhecimento aos jovens e às mulheres envolvidas em Clade III, que têm encontrado espaço para manifestar-se a respeito de todas as coisas, a paz de Cristo, a comunhão do Espírito de amor fraternal que revive, me fazem dizer com alegria que até aqui Deus nos ajudou.

Qual o parecer de Conela sobre a tentativa de aproximação com o Clai, proposta por Clade III?

Devemos reconhecer que Conela e Clai se distinguem porque partem de diferentes premissas. Portanto, há duas classes de interpretação nesse chamado processo de reconciliação: Estão os que não a querem pôr em prática, que graças a Deus, são cada vez menos; e os que nos esforçamos para isso, apesar das diferenças. Eventos como o Clade III nos aproximam cada vez mais da vitória final da verdadeira unidade.

Quais os fatores que ainda dividem Clai e Conela?

Algumas declarações enfáticas sobre conceitos não compartilhados por todos. Assim mesmo, a apresentação de múltiplos problemas de índole diversa, sem oferecer soluções factíveis.

TRECHOS DAS PALESTRAS

Durante o Clade III, a grande novidade foram as palestras proferidas por pessoas até então pouco conhecidas no cenário evangélico latino-americano. Por isso, Debate destaca trechos de algumas delas. A Integra estará disponível até o final do ano no livro que os organizadores de Clade III estão preparando.

"A liberdade, em Cristo, da opressão espiritual e das imposições teológicas e litúrgicas é com o único fim de glorificar a nosso Deus, sem barreiras culturais, segundo nosso contexto andino, nem humilhações, as quais nos impedem de cumprir nosso propósito de servir e adorar a nosso Deus trino. Quando alguém censura sem causa ou injustamente nossa vivência cultural, nos sentimos oprimidos, discriminados e não livres; portanto, não podemos desfrutar uma vida de abundância em Cristo (Jo 10.10). (...) À igreja quéchua e aymara, que é parte do Reino de Deus e membro da Igreja de Cristo, Deus tem dado auto-suficiência para poder conduzir o processo de desenvolvimento espiritual, sem tutela teológica nem litúrgica; reconhecemos que nossa alta cultura tem muitos aspectos positivos para a comunicação do Evangelho de Deus aos povos andinos, pondo como fundamento as Sagradas Escrituras... também nos permite valorizar nossa vivência cultural."

Fernando Qulcaña, pastor peruano, líder de TAWA, organização indígena evangélica Taantinsuyuman All Wulllacul Apajcuna ("os que levam o Evangelho aos quatro pontos cardeais")

"Em um continente submergido na fatalidade — como dizem alguns — e crises de projetos, a Igreja deve dar a mensagem de esperança, já que esta produz em nós o sentido da vida, de nos realizarmos como pessoas, de buscarmos o Reino. Se o Reino é justiça, paz, solidariedade, é o que devemos construir. Diante das injustiças que vivemos diariamente, devemos buscar a justiça de Deus em todas as suas formas, lutar por ela, apoiar aqueles que a buscam. Diante da violência em todas as suas formas, estamos chamados a ser pacificadores, pessoas que vivem e esperam no *shalom* de Deus. Sobretudo devemos nos solidarizar com os despossuídos, os pobres e os marginalizados. Devemos construir a esperança de um amanhã melhor, conscientes de que vamos em busca dele."

Tomás Gutiérrez S., pastor batista, peruano, atualmente é auxiliar de cátedra na Universidade Nacional Mayor de San Marcos, na Faculdade de Ciências Sociais, coordenador geral de CEHILA — Área Protestante, e membro da Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL)

"A Teologia da Libertação perdeu, entretanto, o seu ímpeto devido ao rápido processo de secularização de sua reflexão. Na busca de uma práxis saudável perdeu os referenciais transcendentais. Criou uma sede religiosa mas não conseguiu saciá-la. O movimento pentecostal cresceu rapidamente também, no rastro desse vácuo espiritual que as comunidades eclesiais deixaram. Tanto o discurso como a militância da Teologia da Libertação tornaram-se tão horizontalizados que geraram uma expectativa na grande massa de recuperar o sagrado no seu estado mais 'selvagem'. Foi ela uma das responsáveis pelo surgimento de grupos de ultrapentecostais."

Ricardo Gondim Rodrigues, pentecostal, pastor da Igreja Betesda, São Paulo

"As nossas opções teológicas condicionarão as nossas ações. Cremos que a encarnação política do Evangelho requer, de forma urgente e inadiável, a superação do conflito clássico entre 'Religião de Salvação' e 'Religião de Libertação', pois a verdadeira salvação deve conduzir a uma prática histórica libertadora, e a verdadeira libertação deve ser conduzida pelos que nasceram de novo. A encarnação política do Evangelho requer, também, a maturidade emocional que integra o espiritual ou o histórico, pois a experiência tem demonstrado que a mera batalha histórica, sem batalha espiritual, é batalha estéril, e o seu resultado é frustração, e que a mera batalha espiritual, sem batalha histórica, é batalha histórica, e o seu resultado é a alienação.

A Teologia da Missão Integral da Igreja vinha elaborando essa síntese, acima de tudo bíblica, entre adoração, proclamação, edificação, serviço, profetismo e compromisso com a vida. Uma Teologia Holística que supere o dogmatismo, o emocionalismo e o ativismo, mas que, ultimamente, vem padecendo, em alguns dos seus setores, de reticências, dubiedades, recuos diante dos desafios da prática histórica, por esta implicar opções claras e riscos inevitáveis, um preço que os defensores de um profetismo meramente retórico e pretensamente a-ideológico não querem pagar. A mensagem a-ideológica é aquela que facilita a passagem dos camelos pelas agulhas, consideram a miséria do nosso povo apenas fruto do seu pecado e opulência da classe dominante sinal das bênçãos divinas, e os *Zaqueus* por ela atingidos nunca, nada e a ninguém devolvem o defraudado."

Robinson Cavalcanti, politólogo, pastor anglicano em Recife, Pernambuco

DOCUMENTO FINAL

TODO O EVANGELHO PARA TODOS OS POVOS A PARTIR DA AMÉRICA LATINA

Clade III produziu um extenso Documento Final de cujo conteúdo conservamos a estrutura e destacamos as idéias principais com as mesmas palavras do original. Por motivos de ordem prática e estética dispensamos os sinais técnicos de palavras e frases não reproduzidas.

PRÓLOGO

Confessamos nossa fé em todo o Evangelho de Jesus Cristo, irmanados com todas as igrejas evangélicas da América Latina e no mesmo espírito de Clade I e II. Comprometemo-nos a incorporar à prática missionária as conseqüências que surgem das reflexões e testemunhos apresentados neste encontro.

I. TODO O EVANGELHO

1. O Evangelho e a Palavra de Deus

A Palavra de Deus é o fundamento e o ponto de partida para a vida, teologia e missão da Igreja.

2. O Evangelho da criação

Deus é o criador de tudo e o que ele criou é bom. Os seres humano caíram em pecado e toda a criação sofreu os efeitos dessa queda, ficando cativa de pecado e de morte. Em Cristo, Deus está restaurando a dignidade humana, transformando as culturas e conduzindo a sua criação à redenção final.

3. O Evangelho do perdão e da reconciliação

Jesus Cristo é o Verbo encarnado, o dom de Deus e o único caminho para se chegar a ele. Por meio de Jesus Cristo se oferece perdão ao ser humano. O arrependimento e a fé são imprescindíveis para receber a salvação.

Deus, em Cristo, cria uma comunidade perdoada e reconciliada e comissionada a ser agente de perdão e reconciliação num contexto de ódio e discriminação.

4. O Evangelho e a comunidade do Espírito

A pessoa do Espírito Santo atua com poder no mundo. Ele o faz primordialmente por meio da Igreja. Como comunidade do Espírito, a Igreja

deve proclamar liberdade a todos os oprimidos pelo Diabo e promover uma pastoral de restauração que traga consolo aos que sofrem marginalização, discriminação e desumanização.

5. O Evangelho do Reino de Deus

Com a chegada de Jesus Cristo, o Reino de Deus se fez presente entre nós. O Reino está em conflito constante com o poder das trevas. O rei Jesus Cristo se encarnou e convoca sua comunidade a fazer o mesmo no mundo. Segui-lo como seus discípulos significa assumir sua vida e missão.

6. O Evangelho de justiça e poder

O Evangelho revela um Deus justo e poderoso em seu caráter e em suas ações. Por isso a Igreja é chamada a viver segundo a justiça do Reino e no poder do Espírito. A proclamação do Reino anuncia a Jesus Cristo e denuncia as forças do mal.

II. A PARTIR DA AMÉRICA LATINA

1. Perspectiva histórica da Igreja Evangélica

Entre o povo evangélico da América Latina tem havido um despertar de uma consciência missionária em direção a outros continentes. As novas gerações de evangélicos, em geral, porém, desconhecem suas próprias raízes históricas e sua herança protestante.

2. Evangelho e cultura

O Evangelho é pertinente a toda realidade humana, incluindo a cultura, por meio da qual o ser humano transforma a criação. É importante que a cultura ocupe o lugar que merece em nossa reflexão e prática missiológica.

Durante estes quinhentos anos, nosso continente tem sido testemunha do desprezo e da destruição sistemática das culturas autóctones em nome da evangelização.

A missiologia evangélica deverá atuar em dois sentidos. Primeiro, reconhecer, respeitar e dignificar as etnias e suas culturas; segundo, avaliá-las à luz da Palavra, oferecendo a esperança do Evangelho para sua transformação.

3. Identidade evangélica

Como evangélicos, precisamos voltar a valorizar nossas raízes indígenas, africanas, mestiças, eu-

Luiz Carlos Ramos



A Igreja precisa respeitar e dignificar as etnias e suas culturas

ropéias, asiáticas e crioulas e considerar a pluralidade de culturas e raças que têm contribuído para nos enriquecer,

Como Igreja, somos chamados a nos reformar permanentemente, à luz das Escrituras como palavra final.

Devemos avaliar os modelos de missão que herdamos do passado ou os importados no presente e buscar novos modelos.

Confessar a unidade da Igreja em Cristo significa superar as barreiras ideológicas, culturais, sociais, econômicas e denominacionais.

4. Contexto sociopolítico

A América Latina, no momento atual, pode ser caracterizada como um continente em crise. Países têm sofrido sob regimes militares repressivos. Outros, muitos anos de guerra civil. A persistência do machismo faz das mulheres vítimas de discriminação. Divisões sociais e raciais no campo e na cidade.

A democracia puramente formal, a corrupção das instituições, as inadequadas medidas econômicas neoliberais. Os problemas de corrupção, dívida externa, narcotráfico, terrorismo, degradação moral também dilaceram nossos povos.

5. A responsabilidade da Igreja

Diante desta situação, nossa consciência cristã não pode fechar os olhos. O Evangelho do Reino de Deus nos exorta à prática da justiça. A Igreja deve afirmar e promover a vida. Em seu meio deve pôr fim às diferentes formas de discriminação por razões de sexo, condições econômicas, classe social, nível educacional, idade, nacionalidade e raça.

Reconhecemos que a Igreja Evangélica latino-americana, em geral, não assumiu fielmente esta responsabilidade.

Ao mesmo tempo, celebramos a tomada de consciência da Igreja Evangélica. Diversas entidades evangélicas, igrejas e seus membros em particular participam em projetos de desenvolvimento, na administração pública e em instituições que zelam pelos direitos humanos.

6. A responsabilidade do cristão

A participação responsável na cidadania demanda a formação de líderes guiados por uma vocação cristã de serviço. O exercício da liderança na vida das igrejas locais deverá estar marcado pelo modelo do Servo sofredor e mostrar um contraste com o caudilhismo e outras deformações causadas pelo abuso do poder.

Estão sendo desenvolvidos projetos que mostram a possibilidade de transformação a partir de iniciativas e recursos locais. Vemos aqui um desafio a ser levado a sério por todo o povo evangélico.

III. A TODOS OS POVOS

1. A universalidade da missão

A suficiência e a universalidade de Jesus Cristo constituem a essência do Evangelho. A Igreja é enviada ao mundo para viver e ser mensageira da universalidade do Evangelho.

O propósito divino e a universalidade do Evangelho não significam que todos os caminhos e opções sejam válidos para obter a salvação de Deus. A verdade única do Evangelho e sua ética consequente opõem-se a todo o universalismo e relativismo que considerem como igualmente válida toda experiência religiosa.

2. Toda a Igreja é missionária

A afirmação de que toda a Igreja é missionária baseia-se no sacerdócio universal de todos os cristãos. É para o cumprimento desta missão que Jesus Cristo dotou sua Igreja de dons e do poder do Espírito Santo.

3. Missão Integral

A visão, ação e reflexão missionária da Igreja devem fundamentar-se no Evangelho, que, compreendido em sua integridade, é proclamado em palavra e obra e se dirige a todo o ser humano.

4. A nova consciência missionária na América Latina

Nos últimos anos têm aumentado as oportunidades de formação e envio de missionários para outros continentes e contextos.

5. O estilo encarnacional da missão

A encarnação é o modelo para a missão da Igreja. Em todo o mundo, o crescimento das grandes cidades e de suas maiorias empobrecidas constitui um desafio de especial urgência.

6. A urgência da missão

A Igreja na América Latina deve assumir sua responsabilidade na evangelização mundial. Deve criar e promover centros de formação em cada país. Para ser missionária, a Igreja na América Latina deve renovar sua dependência do Espírito e entregar-se à oração.

CONCLUSÃO

Louvamos a Deus pelo privilégio que nos concedeu de assistir ao III Congresso Latino-Americano de Evangelização, neste momento crítico da história de nossos povos. Tal privilégio nos move a renovar nosso compromisso com nosso Senhor Jesus Cristo e com sua Igreja, como portadora da Boa-Nova do Reino de amor e de justiça que ele veio estabelecer. Humildemente nos encomendamos a Deus para que ele, por meio de seu Santo Espírito, ponha em nós o propósito de agradecer-lhe em tudo, segundo sua boa vontade. "Ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém."